

Governo não abre mão de sua política de crescimento

Isaias Feitosa — SP

sábado, 4/4/87 □ 1º caderno □ 25

política de crescimento

São Paulo — O governo não abre mão de sua política de crescimento interno e não adotará qualquer medida, principalmente na negociação da dívida externa, que interrompa o ritmo médio de crescimento de 7% do PIB, reafirmou ontem à noite o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, ao entrar na casa do presidente da Gradient, Eugênio Staub, onde participou de um jantar com 73 empresários paulistas.

“Não gosto da palavra recessão. Não vamos negociar as bases do crescimento brasileiro”, afirmou o ministro, ao relatar que iria discutir com os empresários a negociação brasileira da dívida externa. O assunto, porém, era desconhecido por grande parte dos convidados, que encaravam o encontro como uma manifestação de “apoio ao ministro”, alguns até virtualmente compelidos a comparecer. “Eu não tinha inicialmente sido convidado, mas hoje fui tão pressionado que se eu não viesse seria considerado um xiita”, disse o presidente de um conglomerado que também dirige uma das mais fortes associações do setor industrial.

Todos os convivas eram unâmes, no entanto, em reconhecer a falta de um plano específico de negociação e de um programa econômico interno. Pelo menos, antes do jantar, as informações que os empresários diziam possuir, baseadas na exposição de motivos de Funaro na Câmara, não passaria, de fato, de uma “exposição de motivos”. Essa era a convicção, por exemplo, dos principais dirigentes da Bayer, Rolf Ludwig Lockner, do grupo Pão de Açúcar, Abílio Diniz, do grupo Ultra, Paulo Cunha e do próprio anfitrião do encontro entre empresários e o presidente Sarney há 15 dias, Matias Machiline, do grupo Sharp.

Tanto as bases da negociação externa quanto as diretrizes internas estabeleceram um claro divisor de água entre o empresariado. De um lado, os declaradamente otimistas, como Manoel da Costa Santo, da Associação Nacional de Pneus, “convencido do acerto das medidas”, Fábio Meirelles, da Federação da Agricultura de São Paulo, Mário Amato, da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, elogiando a volta da “economia de mercado”. No meio, a ponderação ficou por conta de Celso Laffer, da Metal Leve, apontando a “legitimidade do objetivo do governo”. A dúvida, porém, manifestada por outros é como os banqueiros internacionais receberão esse direito brasileiro, como salientou Pedro Eberhard, presidente do Sindicato das Indústrias de Autopeças.

Sem aceitarem o rótulo de céticos ou contrários, muitos dos presentes reconheciam a dificuldade de compatibilizar as metas internas com as negociações externas, como José Mindlin, da Metal Leve, Horácio Cherkassky, da Associação Nacional de Papel e Celulose, Jorge Gerdau Johannpeter, do Grupo Gerdau.



O jantar com Funaro reuniu 73 empresários